

18/3/2007

"Falta um Brasil nesses canaviais"

- Para ela, o novo ciclo do etanol, ao expandir os canaviais para outras regiões do país, aumentará a miséria, degradará ainda mais o meio ambiente e expulsará os pequenos agricultores para as periferias urbanas. A pecuária, a soja e outras monoculturas começam a se embrenhar mais pela Amazônia para dar lugar à cana, avalia.

Mecanizados e modernos, os canaviais paulistas quase não têm reservas florestais e, em alguns casos, oferecem trabalho temporário em condições degradantes. Em 2004 e 2005, a Pastoral do Migrante documentou 15 mortes por "birola" e outras quatro por acidentes de trabalho. A maior parte dos casos espera decisão na Justiça.

Mulato forte, o mineiro Antonio Ribeiro Lopes, de 55 anos, era um dos super-homens em Guariba. Cortava até 30 toneladas num dia, por 12, 15 horas, seis, às vezes sete dias por semana. No fim da safra, fazia bicos nas sacarias. Na manhã de 23 de novembro de 2005, já tinha cortado 16 toneladas quando se sentiu mal no canavial.

—O feitor (fiscal) mandou ele ir descansar no ônibus. Fazia um calor de 40 graus. No fim do dia, mandaram me avisar que o levaram a um hospital, mas parece que ele já chegou morto — conta Maildes Moreira Araújo, que se diz "viúva da cana" e ex-cortadora, também de 55 anos.

Maildes diz que o marido se esforçava para realizar um sonho antigo: reformar a casa onde vivia com ela e os filhos:

— Eu pedia para ele trabalhar menos porque já vi muita gente adoecer e morrer no canavial, mas ele era teimoso.

O médico Nereu Rodolfo Krieger da Costa, da região de Ribeirão Preto, atuou mais de dez anos em usinas e já atendeu vários casos similares:

— Na maioria dos casos, os cortadores morrem em casa. Nos laudos escrevem parada cardíaca ou algo assim. É difícil comprovar as mortes da cana, mas a Pastoral tem conseguido alguns. Não há pesquisas. Mas geralmente é pelo excesso de trabalho, que é muito duro.

Ele explica ainda que os cortadores de cana geralmente não têm nutrição para carga de trabalho tão grande. Os migrantes já chegam com cardiopatias e não passam por exames.

— Muitos, quando se sentem cansados demais para cumprir a carga mínima, de dez, 12 toneladas por dia, procuram "bombas" preparadas em farmácias, outros compram drogas, muitas vezes vendidas pelos "gatos". Crack para dar energia e maconha depois, para tirar as dores. Faltam pesquisa médica, legislação, fiscalização, alimentação adequada, exames médicos, bom atendimento, falta um Brasil nesses canaviais — afirma.

Procuradores, delegados e demais responsáveis pela fiscalização do trabalho também são unânimes em afirmar que, embora tenham flagrado poucos casos de trabalho escravo nos últimos dois anos, o trabalho na cana é degradante, principalmente por causa dos locais onde os migrantes temporários ficam alojados e das condições de trabalho.

— Apesar de fazer tanto esforço físico, eles são colocados em depósitos de gente. Lugares para sete, oito pessoas, com 50 são normais. E isso numa região quente, sob 35, 40 graus. Muitos morrem ou adoecem — diz o delegado de Trabalho de São Carlos, Antonio Morillas Júnior.

